

**AJES - FACULDADE DE CIÊNCIAS CONTÁBEIS E ADMINISTRAÇÃO DO VALE
DO JURUENA
CURSO: BACHARELADO EM CIÊNCIAS CONTÁBEIS**

**RECEITA E CUSTO NA PRODUÇÃO DE LEITE: ESTUDO DE CASO NO SÍTIO
NOSSA SENHORA APARECIDA, GLEBA IRACEMA I, MUNICÍPIO DE JUÍNA –
MT NO PERÍODO 2015**

Autora: Laura Aparecida Jesus Pereira

Orientador: Prof. Me. Wilson Antunes Amorim

JUÍNA/2016

**AJES - FACULDADE DE CIÊNCIAS CONTÁBEIS E ADMINISTRAÇÃO DO VALE
DO JURUENA
CURSO: BACHARELADO EM CIÊNCIAS CONTÁBEIS**

**RECEITA E CUSTO NA PRODUÇÃO DE LEITE: ESTUDO DE CASO NO SITIO
NOSSA SENHORA APARECIDA, GLEBA IRACEMA I, MUNICIPIO DE JUINA –
MT NO PERIODO 2015**

Autora: Laura Aparecida Jesus Pereira

Orientador: Prof. Me. Wilson Antunes Amorim

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Ciências Contábeis da AJES - Faculdade de Ciências Contábeis e Administração do Vale do Juruena, como requisito parcial para obtenção do título de bacharel em Ciências Contábeis.

JUÍNA/2016

**AJES - FACULDADE DE CIÊNCIAS CONTÁBEIS E ADMINISTRAÇÃO DO VALE
DO JURUENA
CURSO: BACHARELADO EM CIÊNCIAS CONTÁBEIS**

BANCA EXAMINADORA

Prof. Msc. Délcio C. de Lima

Prof. Msc. Ricardo Zamperetti

ORIENTADOR
Prof. Msc. Wilson Antunes de Amorim

DEDICATÓRIA

*Dedico esse trabalho aos meus pais, meu
noivo e aos meus filhos Isabelly e
Guilherme.*

AGRADECIMENTOS

Primeiramente quero agradecer a Deus pela vida e por essa conquista, apesar das lutas que não foram poucas principalmente pelo fato de ter que ficado longe dos meus filhos por quatro longos anos. Hoje estou a um passo de conseguir a minha vitória e só assim, retomar a criação deles.

Agradeço a minha mãe e ao meu pai que me ajudaram tanto financeiramente e na educação da minha filha.

Agradeço meu noivo que teve paciência, quando eu não poderia estar presente nas datas importante, por levar e me buscar todos os dias na faculdade, por esperar até às onze horas, mesmo cansado e com sono, sempre estava lá esperando.

Sem isenção agradeço todos os meus professores pela dedicação, por ter tido paciência de nos ensinar nesses quatro anos.

Agradeço meu Orientador Wilson, por mais essa jornada concluída, muito obrigada que Deus te abençoe sempre.

E a todos que me acompanharam durante esta jornada de forma direta ou indireta, muito obrigada.

EPIGRAFE

“A vontade de se tornar algo melhor a cada dia é o que faz do ser humano uma máquina de sonhar. Projetar ideias e desejos e lutar para transformar o que um dia foi um simples pensamento em uma situação real. Nunca desista de algo que se deseja muito, e que se almeja fazer parte da sua vida. O ser humano sonha! Mas se ele apenas sonhasse, nunca saberia do que é capaz, é preciso conquistar os sonhos. ”

(Autor desconhecido).

RESUMO

Este trabalho aborda a gestão de receitas e custos na produção leiteira do sítio Nossa Senhora Aparecida, lote 13, situado na Gleba Iracema I, no município de Juína/MT. Com o objetivo de apurar os custos da produção de leite, identificaram-se as receitas, os custos diretos e indiretos além das despesas da produção. Foram analisados os resultados desta produção na propriedade em estudo em um período de doze meses, que compreende os meses de janeiro de 2015 até dezembro de 2015. A metodologia deste trabalho está classificada como qualitativa. Quanto aos procedimentos técnicos foi realizado um estudo do caso na fase da pesquisa de campo na propriedade. Os dados coletados foram analisados e interpretados, utilizando formulas e tabela, buscando obter subsídios para a resposta do problema de pesquisa. Através dos resultados verificados e obtidos do estudo pôde-se verificar que a margem de contribuição total na maioria dos meses analisados, ou seja, entre os meses de março a novembro há um aumento considerável na produção que, por conseguinte aumento na rentabilidade mostrando-se positiva e equilibrada e, esta receita recebida mensalmente é suficiente para cobrir os custos variáveis da mesma. Observamos uma queda considerável entre os meses de dezembro, janeiro e fevereiro, pois apresentaram menor lucro com apenas 90 litros e 120 litros/dia respectivamente, sendo um valor que oscilou entre R\$ 3.240,00 e R\$ 3.600,00. Os demais meses apresentaram resultados satisfatórios, em destaque para os meses de maior rentabilidade entre outubro e novembro com um montante de 210 litros por dia que ao final de um mês de coleta do leite, lucra-se o valor de R\$ 6.300,00/mês, fato que se atribui ao meado da estação chuvosa na região e, gradativamente a melhoria das pastagens.

Palavras-Chave: Contabilidade Rural. Custos. Métodos. Sistemas. Análise.

LISTA DE QUADRO

Quadro 1 - Demonstrativo de Receitas	44
Quadro 2 - Demonstrativo de Custos e Despesas.	45
Quadro 3 - Demonstrativo de Apuração de Resultado.	47

LISTA DE GRAFICOS

Gráfico 1 - Estados brasileiros com maiores produções de leite.....	17
Gráfico 2 - Evolução da produção de Leite no Brasil, em bilhões de litros, no período: 1990 a 2012.	18
Gráfico 3 - Produção Brasileira de Leite e Estimativas para até o Ano de 2023.	19

LISTA DE SIGLAS

MERCOSUL	Mercado Comum do Sul
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas
ABPL	Associação Brasileira dos Produtores de Leite
FIESP	Federação da Indústria do Estado de São Paulo
INDEA/MT	Instituto de Defesa Agropecuária do Estado de Mato Grosso
EMBRAPA/MT	Empresa Brasileira de Pesquisas Agropecuária do Estado de Mato Grosso
SAMMA	Secretaria Municipal de Agricultura, Mineração e Meio Ambiente

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
1.1 CONTEXTUALIZAÇÃO	12
1.2 PROBLEMA DE PESQUISA	12
1.3 OBJETIVOS.....	13
1.3.1 GERAL	13
1.3.2 ESPECÍFICOS	13
1.4 JUSTIFICATIVA.....	13
1.5 LIMITAÇÃO DA PESQUISA.....	14
1.6 ESTRUTURA DO TRABALHO.....	14
2 REFERENCIAL TEÓRICO.....	16
2.1 DESEMPENHO DA PRODUÇÃO DE LEITE NO BRASIL	16
2.2 DESEMPENHO DA PRODUÇÃO DE LEITE NO ESTADO DE MATO GROSSO	20
2.3 DESEMPENHO DA PRODUÇÃO DE LEITE NO MUNICÍPIO DE JUÍNA/MT	21
2.4 CONTABILIDADE RURAL	23
2.4.1 OBJETIVOS E APLICABILIDADE	24
2.4.2 PROBLEMAS DE ADOÇÃO DA CONTABILIDADE RURAL	24
2.4.3 MÉTODOS DE CUSTOS	25
2.4.4 CUSTEIO POR ABSORÇÃO.....	27
2.4.5 CUSTEIO VARIÁVEL	28
2.5 TIPOS DE CUSTOS.....	29
2.5.1 CUSTOS FIXOS.....	29
2.5.2 CUSTOS VARIÁVEIS	30
2.5.3 CUSTOS DIRETOS.....	31
2.5.4 CUSTOS INDIRETOS.....	32
2.5.5 SEPARAÇÃO ENTRE CUSTOS E DESPESAS.....	33
2.5.6 CONCEITO CUSTO	33
2.5.7 CONCEITO DESPESAS	34
2.6 CONCEITUAÇÕES DE RECEITAS.....	35
2.6.1 LUCROS	36
2.6.2 LUCRATIVIDADE	37
3 METODOLOGIA	39

3.1 QUANTOS AOS FINS.....	39
3.1.1 DESCRITIVA.....	39
3.1.2 METODOLÓGICA.....	39
3.2 QUANTO AOS MEIOS.....	40
3.2.1 BIBLIOGRÁFICA	40
4 ESTUDO DE CASO	41
4.1 COLETA DOS DADOS	41
4.2 TRATAMENTO DOS DADOS.....	41
4.3 HISTÓRICO DO SITIO	42
5 CONCLUSÃO	49
REFERENCIAS.....	51

1 INTRODUÇÃO

1.1 CONTEXTUALIZAÇÃO

A busca por parte dos clientes em adquirir produtos alimentícios de melhor qualidade faz com que os produtores rurais necessitam cada vez mais, desenvolver técnicas que possibilitam uma gestão sustentável no gerenciamento financeiro de sua propriedade.

A contabilidade de custos segundo Martins (2006):

Destina-se a produzir informações relevantes para diversos níveis gerenciais de uma entidade, auxiliando na determinação de desempenho, planejamento e controle das operações e da tomada de decisão, tornando possível a alocação mais criteriosa dos custos de produção aos produtos. (MARTINS, 2006, p. 370)

Frente a estes fatos torna-se importante possuir um sistema contábil de custos, tanto na pecuária leiteira como em qualquer outra atividade agropecuária e rural, facilitando a tomada de decisão e podendo assim analisar como está a “saúde” da propriedade.

A não utilização da contabilidade e dos métodos de custeios faz com que os produtores, principalmente os pequenos produtores, não tenham a exata noção de seus custos, despesas e lucros e assim não conseguem tomar decisões que venham contribuir com a continuidade de seu negócio.

Diante do exposto surge a oportunidade de realiza um estudo no sitio Nossa Senhora Aparecida, lote 13, situado na Gleba Iracema I no Município de Juína-MT, com objetivo de apurar os custos da produção de leite.

1.2 PROBLEMA DE PESQUISA

É uma pergunta na qual irá apontar á dificuldade maior que o produtor rural tem em sua propriedade e, através dela contribuir para que ele possa resolver o problema encontrado.

Segundo Cervo e Bervian (2002 p. 84), “problema é uma questão que envolve intrinsecamente uma dificuldade teórica ou prática, para qual se deve encontrar uma solução”.

Neste trabalho o problema de pesquisa a ser respondido apresenta-se da seguinte forma: Qual o custo da produção de leite, sob a perspectiva do produtor no sítio Nossa Senhora Aparecida, na Gleba Iracema I no Município de Juína - MT no período de 2015?

1.3 OBJETIVOS

Conforme Marconi e Lakatos (2001 p. 102.), o objetivo “está ligado a uma visão global abrangente do tema. Relaciona-se com o conteúdo intrínseco, quer dos fenômenos e eventos, quer das ideias estudadas. Vincula-se diretamente à própria significação da tese proposta pelo projeto”.

1.3.1 GERAL

Pesquisar sobre o custo da produção leiteira no sítio Nossa Senhora Aparecida, no ano 2015.

1.3.2 ESPECÍFICOS

- Revisar a literatura referente à contabilidade de custos, e custos na atividade agrícola;
- Descrever o processo da produção leiteira na propriedade;
- Levantar os custos da produção leiteira na propriedade;
- Analisar os resultados da propriedade no período pesquisado;

1.4 JUSTIFICATIVA

Para Hansen (2001, p. 422) a contabilidade tem como principal objetivo “o controle do patrimônio por meio de um processo sistemático e ordenado, registrando

as alterações ocorridas no patrimônio de uma entidade, onde na contabilidade de custos se analisa os gastos realizados no decorrer de suas operações”.

Já Leone (2008) afirma que: com a evolução constante da tecnologia e a busca em adquirir cada vez mais produtos de melhor qualidade, os produtores rurais precisam desenvolver técnicas na produção, assim como o gerenciamento da sua propriedade.

No sentido de auxiliar o proprietário do Sítio Nossa Senhora Aparecida, Lote 13, situado na Gleba Iracema I neste Município, o estudo propõe a verificação dos resultados obtidos mês a mês, sendo que isso servirá de subsídio para a análise, auxiliando assim a melhor tomada de decisão.

Para a Faculdade de Ciências Contábeis e Administração do Vale do Juruena e para o Curso de Ciências Contábeis, este trabalho ficará disponível como base de estudos futuros e para pesquisas de alunos, bem como aos demais interessados da sociedade nessa área.

1.5 LIMITAÇÃO DA PESQUISA

O proprietário do sítio, não tinha um controle contábil do seu lucro e despesa, o mesmo anotava alguma informação em uma caderneta, que foi utilizada, como informação para fazer essa pesquisa que foi feita no período de 2015. Foi informado através dele que não teve nenhum custo com cerca, curral ou prestação de serviço, deixando bem claro que o sítio é de vinte e um alqueires e não têm muitas despesas, esse trabalho encontrou muitas dificuldades para fazer o estudo de caso, pois a falta de informação, não me proporcionou a montar um sistema de custos.

1.6 ESTRUTURA DO TRABALHO

Este trabalho está dividido em quatro capítulos, que são organizados da seguinte forma:

Capítulo I – Introdução, problema, objetivos, geral e específico justificativa, delimitação do tema e estrutura do trabalho.

Capítulo II – Referencial teórico, desempenho da produção de leite no Brasil, desempenho da produção de leite de Mato Grosso, desempenho da produção de leite no município de Juína, contabilidade rural, objetivo e aplicabilidade, problemas de adoção da contabilidade rural, métodos de custos, custeio por absorção, custeio variável, custos indiretos, separação entre custos e despesas, conceito custo, conceito despesa, conceituações de receitas, lucros, lucratividade.

Capítulo III – Metodologia, quanto aos fins, descritiva, metodológica, quantos aos meios, bibliografia.

Capítulo IV – Estudo de caso, coleta dos dados, tratamento dos dados, limitação do método, histórico do sítio, receitas, despesas e custos e apuração de resultado.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 DESEMPENHO DA PRODUÇÃO DE LEITE NO BRASIL

No início dos anos 90 o leite nacional sofreu grandes transformações conforme afirma Farina (1997, p. 82),

O desenvolvimento de um ambiente competitivo completamente novo do processo de estabilização da economia a liberalização e diferenciação de preços da matéria-prima, as guerras de ofertas nas gôndolas dos supermercados, entrada de produtos importados, aquisições e alianças estratégicas no meio empresarial, ampliação do poder dos laticínios multinacionais e dos supermercados, ampliação da coleta a granel, redução global do número de produtores, reestruturação geográfica da produção problemas de padronização do produto e a amplitude de um pujante mercado informal são itens que formam o cotidiano do setor, (FARINA, 1997, p. 82)

As principais causas apontadas para essas mudanças segundo Nuñez (2004, p. 25), “a desregulamentação do mercado de leite a partir de 1991 além da maior abertura da economia para o mercado internacional, em especial, a criação do MERCOSUL e a estabilização de preços da economia brasileira”.

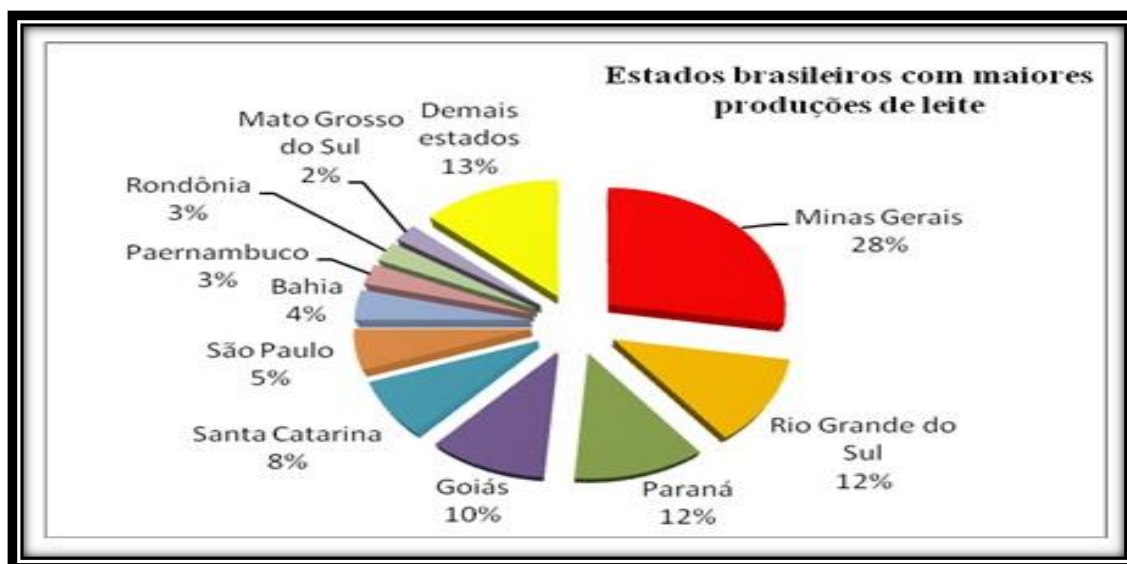
Para Carvalho (2010, p 44-45), “o salto mais qualitativo da pecuária leiteira aconteceu, somente, por volta de 1980”. Deste período em diante, houve forte crescimento no setor leiteiro na qual podemos afirmar que o progresso que houve em apenas duas décadas foi considerado a maior que dos últimos anos.

A bacia leiteira no Brasil, onde o inverno é fraco e a água abundante, comporta diferentes modelos de produção. Qualquer cidadão até mesmo com pouca de terra ou capital, consegue colocar algumas vacas em poucos hectares de pasto, coletando seu leite manualmente, onde é colocado em um latão, e transportado para o resfriador e começar a receber já no mês seguinte. Na verdade, este tipo de processo não requer grandes exigências de conhecimento sejam tecnológicos ou de gerenciamento.

Além de ser uma atividade simples que não exige muito conhecimento, onde o produtor tem facilidades de aprendizado é uma importante fonte de renda para o sustento de uma família no final do mês. Durante muitos anos, o leite produzido no país concentrava-se na Região Sudeste, mais precisamente no Estado de Minas

Gerais, considerado o estado responsável pela maior parte da produção de leite no Brasil conforme pode ser observado no gráfico 1 a seguir.

Gráfico 1 - Estados brasileiros com maiores produções de leite.



Fonte: Adaptado de IBGE (2010).

Segundo dados apresentados pelo IBGE (2010),

As principais mesorregiões produtoras são: Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba, Noroeste Rio-Grandense, Sul Goiano, Sul/Sudoeste de Minas, Oeste Catarinense e Centro Goiano. Já o Nordeste segundo manteve sua contribuição estável (em torno de 13% da produção até 2010), enquanto as regiões Norte, Centro-Oeste e, sobretudo, a Região Sul vem se destacando e ganhando participação relativa no aumento da produção do leite. (IBGE 2010)).

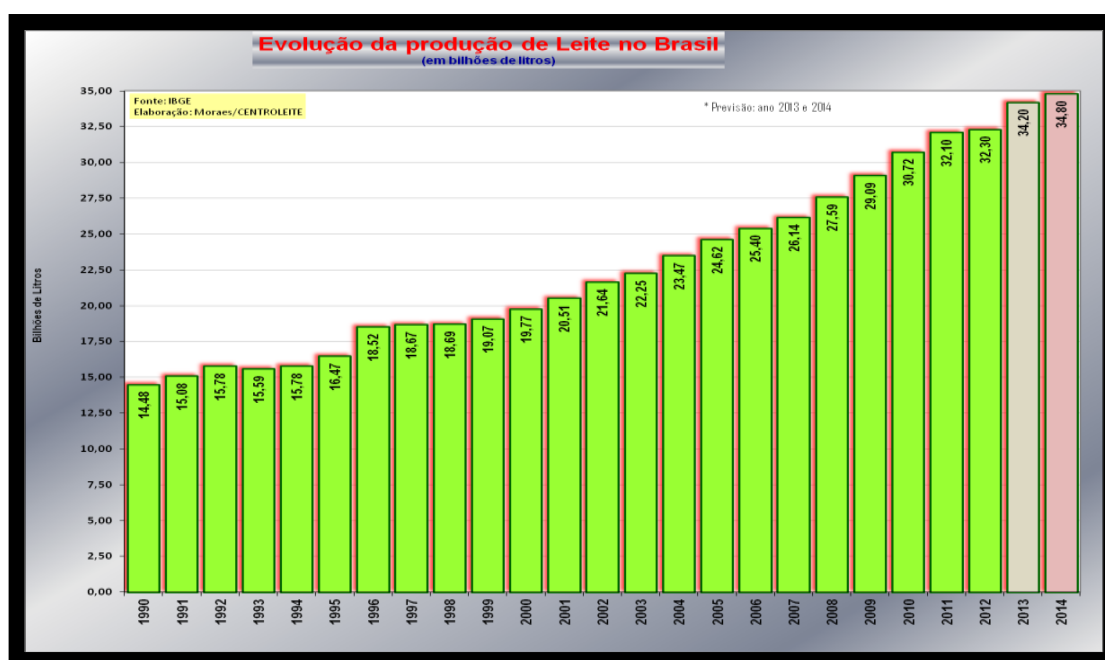
Este aumento na produção leiteira tem ocorrido devido ao aumento na aquisição de novos rebanhos e nos sistemas de produções, com o uso das novas tecnologias como é o caso da ordenhadeira elétrica, diminuindo com isto a mão de obra humana. Grandes aumentos no rebanho leiteiro no Brasil foram relatados.

Segundo Farina (1996, p. 123),

Com a ampliação do sistema de coleta a granel de leite refrigerado, o qual traz importantes reduções nos custos de transporte e resfriamento de leite, além da racionalização global do processo e de ganhos imediatos na qualidade da matéria-prima. Segundo, por parte do poder público, com a recente apresentação do primeiro esboço de um Programa Nacional de Melhoria da Qualidade do Leite, que fará mudanças na legislação e no aparato oficial de inspeção, (FARINA, 1996, p. 123).

Fala-se muito em grandes plantações de soja e pastagens, onde a soja é muito utilizada para fazer ração para o gado, isso tem propiciado aumento dos rebanhos bovinos e gradativamente do gado leiteiro gerando, portanto, forte crescimento da produtividade leiteira dos animais brasileiros, conforme se observa no gráfico 2 a seguir.

Gráfico 2 - Evolução da produção de Leite no Brasil, em bilhões de litros, no período: 1990 a 2012.



Fonte: Associação Brasileira dos Produtores de Leite (2015).

A produção de leite no Brasil segundo a Associação Brasileira dos Produtores de Leite – ABPL (2015) vem apresentando um crescimento anual significativo desde o início dos anos 90. No período entre 1996 a 2004 este crescimento foi da ordem de 2,96% ao ano, quando a produção saltou de 19 para 23,3 bilhões de litros conforme o exposto no gráfico 2.

A grande preocupação dos produtores que atuam na cadeia do leite é que a produção continue apresentando estas taxas de crescimento sem que haja políticas de crescimento da demanda interna ou das exportações. Isso poderá provocar, futuramente, grandes excessos deste produto no mercado interno, com possíveis

quedas nos preços pagos ao produtor e isto, pode provocar sérias desmotivações principalmente nos pequenos produtores.

Embora Nogueira (2010), afirma que, “a tendência até 2023 é aumentar a produção de litros de leite frente às novas tecnologias e aquisições de rebanhos leiteiros mais puros”, conforme mostra o gráfico 3, elaborado pela Federação da Indústria do Estado de São Paulo – FIESP em 2013.

Gráfico 3 - Produção Brasileira de Leite e Estimativas para até o Ano de 2023.



Fonte: FIESP, (2013)

No gráfico 3, observa-se que o crescimento em bilhões de litros de leite tende a crescer ano a ano, aumentando a produção de leite no Brasil. De 2013 a 2023 pelas estimativas da Federação da Indústria do Estado de São Paulo – FIESP (2013) “a tendência é de um crescimento de 15,51 %, o que fará do Brasil um dos maiores exportadores do produto, mas claro dependerá também das políticas comerciais a serem adotadas”.

Para que esta informação se torne real espera-se do Governo Federal subsídios necessários para importar menos e exportar mais, no entanto com a instabilidade governamental da atualidade é difícil se manter uma esperança de que a estimativa analisada no gráfico 3 possa vir realmente a acontecer.

2.2 DESEMPENHO DA PRODUÇÃO DE LEITE NO ESTADO DE MATO GROSSO

Atualmente o Mato Grosso possui o maior rebanho bovino do país, com 27.295 milhões de cabeças de acordo com o Instituto de Defesa Agropecuária do Estado de Mato Grosso – INDEA (2016).

A produção leiteira é muito importante não só para os produtores rurais, mais também para as pessoas que necessita do consumo do leite principalmente as crianças e manutenção do homem no campo; cerca 25% dos estabelecimentos agropecuários no Brasil dedicam-se, ao menos, a produção do leite.

Para Zoccal, Gomes & Carvalho (2004),

Mato Grosso responde por 2,3% da produção nacional de leite, ocupando a 10ª posição no ranking brasileiro. Esta participação, apesar de pouco representativa, demonstra os desafios que ainda há para enfrentar para tornar este setor mais atrativo e desenvolvido no estado. (ZOCCAL, GOMES & CARVALHO, 2004).

Existem hoje 20,9 mil propriedades leiteiras que produzem em média 92,6 litros de leite por dia. Mato Grosso tem condições de fazer da cadeia leiteira uma das atividades econômicas mais promissoras da região Centro-Oeste.

Segundo a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária – EMBRAPA (2002),

A bovinocultura de corte, Mato Grosso pode e deve contribuir para o crescimento da produção de leite no estado uma vez que se produz 1,6 milhão de leite por dia e até 2016, a meta é aumentar para 5 milhões de litros por ano, mas isso deve ocorrer por meio de várias ações como os arranjos na produção primária com correção de solo, melhora genética do gado leiteiro, melhora nas instalações físicas e capacitações, para que futuramente os produtores possam encontrar oportunidades de preços melhores durante crises. (EMBRAPA, 2002)

Sendo assim e ainda segundo a Empresa Brasileira de Pesquisas Agropecuária do Estado de Mato Grosso– EMBRAPA/MT (2002), “a produção local no Estado demonstra que ainda há muito mercado para ser explorado pelas indústrias”. Existem cidades do Mato Grosso onde o leite é pago mais caro, em outras cidades são mais barato, por isso por que em muitas cidades os produtores

rurais optam por não tirar leite, pois não compensa é muito trabalhoso para receber tão pouco.

De acordo com informações do Instituto Mato-Grossense de Economia Agropecuária - IMEA (2016), “em 2015 no Estado de Mato Grosso, a produção de leite teve uma queda significativa na sua produção” e, uns dos principais fatores que prejudicaram esta produção foram às condições climáticas desfavoráveis, devido aos grandes períodos de estiagem, resultando com isto o enfraquecimento das pastagens que gradativamente diminuem a produtividade, no período da seca.

2.3 DESEMPENHO DA PRODUÇÃO DE LEITE NO MUNICÍPIO DE JUÍNA/MT

O Município de Juína está situado na região Noroeste do Estado de Mato Grosso, compreende esta região os Municípios de: Aripuanã, Brasnorte, Castanheira, Colniza, Cotriguaçu, Juara, Juína, Juruena, Novo Horizonte do Norte, Porto dos Gaúchos, Rondolândia e Tabaporã.

Segundo o Instituto Mato-Grossense de Economia Agropecuária IMEA (2011),

A pecuária leiteira é praticada no município de Juína desde sua colonização nos meados da década de 1970, essa atividade iniciou após o declínio de outros ramos da economia como a agricultura e mineração. A coleta do leite hoje é praticada por pequenos e médios produtores rurais, no entanto com as novas tecnologias como ordenhadeira elétrica e outros artefatos, modernizaram a cadeia produtiva do leite a partir da década de 1990, fato que ainda para a região de Juína é uma realidade distante para a maioria dos produtores rurais. (IMEA, 2011).

Segundo Moraes (2009), “a pecuária é praticada desde a fundação do município. Após o declínio da agricultura os colonizadores migraram para este ramo da economia, dinamizando a atividade e colocando a lista de importância para o desenvolvimento econômico de Juína”.

De acordo com Moraes (2009) o gado trazido para o Mato Grosso era de dupla aptidão servindo tanto para o fornecimento do leite como da carne, com o aprimoramento da atividade alguns produtores se especializaram na pecuária de corte, outros se dedicaram a pecuária leiteira.

Segundo dados coletados na Secretária Municipal de Agricultura Mineração e Meio Ambiente de Juína – SAMMA (2015),

O município de Juína conta com um rebanho bovino de 543.334 animais (sétimo maior do estado), porém o rebanho leiteiro é de apenas 13.032 animais o que representa 2,4% do total. A produção anual do município gira em torno de 10 milhões de litros de leite, são ordenhadas 7.446 vacas e a produtividade leiteira é de 3,7 litros de leite, vaca, ao dia. (SAMMA, 2015).

No município de Juína o uso das tecnologias ainda é pouco utilizado, na produção leiteira, portanto a produtividade no setor é baixa. Melhorias nesse setor somente serão alcançadas a partir da aquisição de conhecimento técnico contábil/tecnológico por parte dos produtores rurais.

Segundo Moreno e Higa (2005, p. 160), “O Norte mato-grossense concentra o maior rebanho leiteiro, com 28,3% dos animais e 29% da produção estadual, destacando-se Guarantã do Norte, Terra Nova do Norte, Alta Floresta, Colíder, Juara, Juína e Castanheira como principais produtores”.

Para França (2006, p. 13), “o setor agropecuário encontra-se subordinado a essas demandas e se vê cada dia mais, forçado à especialização em prol da melhoria na qualidade dos produtos oferecidos aos mercados interno e externo, cada vez mais competitivos”.

Segundo Aleixo (2007) afirma que,

Um eficiente processo de adoção de tecnologia e melhoria da eficiência produtiva na pecuária leiteira, assim como a difusão de conhecimento por parte de produtores e técnicos e a incorporação das reais necessidades de cada um dentro do processo de produção, é fundamental para o êxito da atividade. (ALEIXO 2007, p. 07).

Portanto se torna essencial o estudo da contabilidade rural na pecuária leiteira, principalmente nas pequenas propriedades em áreas de assentamentos do Instituto Nacional de Cadastro da Reforma Agrária – INCRA, mais precisamente no Sítio Nossa Senhora Aparecida, na região da Gleba Iracema I, no Distrito de Filadélfia neste Município.

2.4 CONTABILIDADE RURAL

As empresas rurais de pequeno e médio porte muitas das vezes são empresas familiares, ou seja, o administrador é o dono, muitos deles não têm nenhuma formação acadêmica e não conseguem ter um controle dos gastos da família com o da propriedade, é necessário saber gerenciar uma empresa através de um processo contábil, assim irá adquirir melhor desempenho e rentabilidade na sua produção.

A contabilidade rural para Gomes (2002, p. 21),

É um instrumento fundamental para o controle financeiro e econômico da propriedade rural; pode-se também afirmar que a utilização da contabilidade contribui, sob vários aspectos, com o ambiente onde a entidade esteja inserida, pois ela é muito eficaz na tomada de decisão, informação, planejamento e controle dentro da empresa. (GOMES, 2002, p. 21).

Segundo Crepaldi (2004, p. 62), “a Contabilidade Rural é uma necessidade urgente no Brasil, porém ainda pouco utilizada, tanto pelos empresários quanto pelos contadores.”.

Para Sá (apud ROSILEI SOST, 2010, p. 03), define a contabilidade rural como, “contabilidade aplicada à propriedade rural: compreende tanto parte agrícola como a pastoril, ou estudos de contabilidade aplicados que se dedica às atividades do campo”.

Pode-se, assim, conceituar a Contabilidade Rural segundo Crepaldi (2004, p. 86), como um instrumento da função administrativa que tem por finalidade,

Controlar o patrimônio das entidades rurais, apurar o resultado das entidades rurais e prestar informações sobre o patrimônio e sobre o resultado das entidades rurais aos diversos usuários das informações contábeis. (CREPALDI, 2004 p. 86).

Segundo Aloe & Valle (1972, p. 98), a Contabilidade rural “é a parte da contabilidade aplicada às atividades agrícolas, tendo por objetivo o estudo, registro e controle da gestão econômica do patrimônio das empresas que se dedicam a essa atividade”.

2.4.1 OBJETIVOS E APLICABILIDADE

Segundo Crepaldi (2005) Contabilidade Rural é muito importante nos sistemas de controle das empresas rurais, pois através do Balanço Patrimonial e das Demonstrações do Resultado do Exercício analisa também, como está a situação da empresa no momento, fornecendo todos os dados e informação financeira da mesma, ou seja, se a empresa está precisando reduzir custos ou despesas, ou se está precisando buscar outros meios ou recursos para melhorar a sua situação.

Conforme Crepaldi (2005 p. 74) a Contabilidade Rural tem as seguintes finalidades,

Orientar as operações agrícolas e pecuárias; medir o desempenho econômico-financeiro da empresa e de cada atividade produtiva individualmente; controlar as transações financeiras; apoiar as tomadas de decisões no planejamento da produção, das vendas e dos investimentos; auxiliar as projeções de fluxos de caixa e necessidades de crédito; permitir a comparação de performance da empresa no tempo e desta com outras empresas; conduzir as despesas pessoais do proprietário e de sua família; justificar liquidez e a capacidade de pagamento da empresa junto aos agentes financeiros e outros credores; servir de base para seguros, arrendamentos e outros contratos; gerar informações para a declaração de Imposto de Renda. (CREPALDI, 2005, p. 74).

A Contabilidade Rural faz parte da função administrativa que tem por objetivos, “controlar o patrimônio rural, apurar resultados, na qual terá todas as informações da entidade rural”. (CREPALDI, 2005, p. 65).

Podemos perceber que o objeto da Contabilidade é o patrimônio, onde ele é controlado e registrado por meio contábeis sendo todos lançados no balanço, assim terá todas as informações dos bens, direitos e obrigações, lucro ou prejuízo feito nesse período, por isso a necessidade de ser feita uma contabilidade é muito relevante para as propriedades rurais nas suas tomadas de decisão.

2.4.2 PROBLEMAS DE ADOÇÃO DA CONTABILIDADE RURAL

A Contabilidade Rural é pouco utilizada pelos empresários rurais, talvez por falta de conhecimento, eles não sabem a importância destes serviços para melhorar sua produção tanto para os custos quanto para se tiver uma melhor informação dos lucros obtidos.

Em muitos casos isso acontece por que as pessoas estão muito ligadas nos conhecimentos que são adquiridos por pessoas mais antigas, que repassados através de gerações, ou seja, de pais para filhos, dessa maneira eles estão deixando de lado a contabilidade algo que poderia ser muito mais vantajoso nas tomadas de decisão da empresa.

Crepaldi (2004, p. 24), aborda que:

(...) na situação atual de vinculação e dependência do agricultor em relação ao mercado, torna-se indispensável aos produtores rurais o conhecimento aprofundado de seu negócio, a agricultura. Para tanto, deve o produtor estar bem informado sobre as condições de mercado para os produtos agrícolas, bem como conhecer as condições dos recursos naturais de seu estabelecimento rural. Pelo conhecimento do que está ocorrendo no mercado, o agricultor pode escolher melhor tipo de atividade que deve desenvolver. (CREPALDI, 2004, p. 24)

Torna-se imprescindível que o produtor rural adote medidas de controle da sua produção e recursos utilizados no estabelecimento. Além de permitir melhor controle dos recursos com a utilização da contabilidade, o produtor também poderá ficar informado das variações do mercado onde está inserido.

2.4.3 MÉTODOS DE CUSTOS

Consiste segundo Leone (2000, p. 01), “na identificação, análise e alocação de custos aos processos de uma determinada empresa, visando melhor gerenciar a lucratividade. O uso deste método permite uma melhor mensuração dos custos”. Os recursos são atribuídos a cada atividade; para que as atividades são atribuídas aos objetos de custos com base na sua utilização.

Para Beulke (2005, p. 36) “o custo baseado em atividades, reconhece os relacionamentos de causa dos responsáveis pelos custos das atividades. Também ameniza as distorções provocadas pelo uso do rateio usado na tradicional lógica de absorção dos custos”.

Já Martins (2003, p. 87), informa que o Custeio Baseado em Atividades ou ABC “é uma metodologia de custeio que procura reduzir sensivelmente as distorções provocadas pelo rateio arbitrário dos custos indiretos”. Este sistema tem como fundamento básico a busca do princípio da causa, ou seja, procura identificar

de forma simples e diretos com clareza, através do rastreamento, o causador do custo, para sabermos o seu valor.

Sendo assim, faz-se primeiro o rastreamento dos custos que cada atividade se expõe a estes, só então se verifica como os produtos finais de custos consumiram determinados serviços das atividades, para então atribuir-lhes os custos definidos.

Conforme Nakagawa (2001, p. 82) "o Custeio Baseado em Atividades parte da premissa de que as diversas atividades desenvolvidas geram custos e que os produtos consomem essas atividades".

Segundo Martins (2003, p. 96) "para atribuir custos às atividades e aos produtos utiliza-se de direcionadores".

Martins (2003, p. 96) ensina ainda que "há que se distinguirem dois tipos de direcionador: ... direcionador de custos de recursos, e os... direcionadores de custos de atividades". O autor nos expõe com clareza que o primeiro identifica a maneira como as atividades consomem recursos e serve para custear as atividades. Afirma ainda que o segundo identifica a maneira como os produtos consomem atividades e serve para custear produtos.

Nakagawa (2001, p. 42), conceitua a atividade "como um processo que combina, de forma adequada, pessoas, tecnologias, materiais, métodos e seu ambiente, tendo como objetivo a produção de produtos". Assim com método ABC deve-se observar as atividades envolvidas em cada processo de produção, seja de uma mercadoria ou um serviço. O autor acrescenta que os métodos de custeio são divididos em dois "absorção e variável ou direto, sendo que para a Contabilidade, apenas o custeio por absorção é admissível, já que os custos padrões adotado sejam utilizadas em períodos. "

Martins (1998, p, 115), diz que "todos os custos podem ser classificados em fixos e variáveis ou em diretos e indiretos ao mesmo tempo". Assim, a matéria-prima é um custo direto e variável, os materiais de consumo são normalmente custos indiretos e variáveis, os seguros das fábricas são custos indiretos e fixos, etc. Os custos diretos são variáveis, quase sem exceção, mas os indiretos são tanto fixos como variáveis, apesar da geral predominância dos primeiros.

2.4.4 CUSTEIO POR ABSORÇÃO

De acordo com Neves e Viceconti (2003, p. 33), custeio por absorção “é um processo de apuração de custos, cujo objetivo é ratear todos os seus elementos (fixos e variáveis) em cada fase da produção”. Assim, o custo será absorvido quando forem atribuídos a um produto ou unidade de produção, assim cada unidade ou produto receberá sua parcela no custo até que o valor aplicado seja totalmente absorvido pelo custo dos produtos vendidos ou pelos estoques finais.

Quanto aos custos relativos aos produtos em elaboração e os acabados que ainda não foram vendidos estarão ativados nos estoques destes produtos. O custeio por absorção ou custeio integral consiste em um método da aplicação dos princípios da contabilidade. Define-se como $CV + CF = \text{ESTOQUE PRODUTOS ACABADOS} - \text{VENDA CPU} = \text{RESULTADO}$, esse resultado é o custeio por absorção.

Segundo Santos (2005, p. 83),

A metodologia de custo pelo método de absorção é considerada como básica avaliação de estoques pela contabilidade societária, para fins de levantamento de balanço patrimonial e de resultados com finalidades de atender a exigências da contabilidade societária. (SANTOS, 2005, p. 83)

Assim segundo Leone (1997, p. 53), “todos os gastos relativos ao esforço de fabricação são distribuídos (rateados) para todos os produtos feitos”. A principal distinção existente no uso do custeio por absorção. A separação é importante porque as despesas são jogadas imediatamente contra o resultado do período, enquanto que apenas os custos relativos aos produtos vendidos terão o mesmo tratamento. Já os custos relativos aos produtos em elaboração e aos produtos acabados que não tenham sido vendidos são ativados nos estoques destes produtos.

Na legislação tributária brasileira do imposto de renda, segundo Crepaldi (2005, p. 164), “esse método é o recomendado, sendo vetado o chamado método direto ou variável”. Nessa especialização ressalta-se que apesar do nome, muitos gastos potenciais não fazem parte do Custo de Absorção para fins tributários, porque não são reconhecidos tributariamente como encargos.

2.4.5 CUSTEIO VARIÁVEL

Segundo Migliorini (2007, p. 113), custeio variável, “é o método de custeio que consiste em apropriar aos produtos somente os custos variáveis, sejam diretos ou indiretos.”

Ele fundamenta-se segundo Padoveze (1998, p. 102), “na separação dos gastos em gastos variáveis e fixos”, isto é, em gastos que junta proporcionalmente ao volume da produção/venda e gastos que se mantêm estáveis perante volumes de produção/venda oscilantes dentro de certos limites.

Conforme, Bruni & Famá (2004, p. 207), “(...) o custeio variável assume grande importância na análise de decisões relativas a custos e preços”.

Padoveze (2003, p 78) afirma ainda que,

Esse método busca um custo unitário do produto ou serviço sem nenhuma dúvida em termos de mensuração monetária, já que, ao utilizar apenas elementos variáveis e, portanto, com o valor unitário para cada unidade de produto perfeitamente definido, não usa nenhum conceito de cálculo médio. Essa característica torna esse método o cientificamente recomendável para todos os propósitos de previsão e tomada de decisão. (PADOVEZE, 2003, p. 78).

Bruni & Famá (2004, p. 207), nesse método de custeio expõe que “... apenas gastos variáveis são considerados no processo de formação dos custos dos produtos individuais. Custos e despesas indiretas são lançados de forma global contra os resultados”.

O custeio variável segundo Leone (2009, p. 62), “é um instrumento de grande utilidade para gerencia em sua função de planejamento das operações”. Divide as despesas e os custos de fabricação em fixos e variáveis; determina a margem de contribuição em relação a qualquer objeto ou segmento da empresa, facilita a análise do processo de simulação – muito empregado pela função de planejamento – porque pode antever os resultados da interação de custos, volume e lucro.

É muito empregado nos casos em que há grande variedade de produtos diferentes. Uma vez que o conceito determina que cada produto tenha seus próprios custos diretos e variáveis, surge imediatamente a margem de contribuição total

unitária por produto. A administração, através dos relatórios contábeis, fica sabendo qual o produto que tem maior margem de contribuição, relativa e absoluta. (BRUNI & FAMÁ 2004, p. 212).

No entanto, esse tipo de custeio considera como custo de produção somente os custos variáveis que são utilizados nas previsões e nas tomadas de decisão, uma vez que se pode utilizá-los apenas aos valores unitários de cada produto, pois são considerados como despesas.

2.5 TIPOS DE CUSTOS

2.5.1 CUSTOS FIXOS

Para Bornia (2002, p. 42), os custos fixos “(...) são aqueles que independem do nível de atividades da empresa no curto prazo, ou seja, não variam com alterações no volume de produção, por exemplo, como o salário do gerente”.

Para Leone (2000, p. 72),

É considerado custo fixo, quando se compara o seu comportamento diante das mudanças nas quantidades produzidas e vendidas, no caso em que a administração adota o modelo constante, linear, o modelo fiscal de taxa fixa para a determinação periódica do valor da depreciação. (LEONE, 2000, p. 72).

Seguindo a mesma linha de pensamento, Perez Jr., Oliveira e Costa (2003, p. 89) relatam que, “os custos fixos são aqueles que não dependem do volume de produção e permanecem constantes dentro da capacidade instalada”, ou seja, qualquer alteração no volume de produção em qualquer tipo de condição – para mais ou para menos - não irá alterar o valor total deste custo.

Os autores descrevem ainda como sendo as principais características,

O valor total permanece constante dentro de determinada faixa da produção; o valor por unidade produzida varia à medida que ocorre variação no volume de produção, por se tratar de um valor fixo diluído por uma quantidade maior; sua alocação para os departamentos ou centros de custos necessita, na maioria das vezes, de critérios de rateios determinados pela administração; a variação dos valores totais pode ocorrer em função da

desvalorização da moeda ou por aumento ou redução significativa no volume de produção. (PEREZ JR., OLIVEIRA E COSTA 2003, p. 89).

No entendimento de Bertó e Beulke (2006, p. 197) a principal característica do custo fixo “é mantê-los inalterados com o volume de atividades, levando em consideração os limites de capacidade”, ou seja, em relação ao crescimento ou retração do volume de negócios dentro desses limites eles não se modificam. Aponta ainda como principais exemplos a depreciação, folha de pagamento da administração, manutenção, etc.

Bornia (2002, p. 42) afirma ainda que, “os custos fixos são “jogados” diretamente na conta de resultado, pois esse sistema tem como premissa que os custos fixos ocorrerão independentemente do volume de produção da entidade”. Dessa forma, dispensa a necessidade de qualquer tipo de rateio.

2.5.2 CUSTOS VARIÁVEIS

Os custos variáveis estão diretamente ligados segundo Wernke, (2001, p. 56), “ao volume de produção, ou seja, variam de acordo com a produção da empresa; se ela tiver um volume de produção pequeno, seu valor é menor e, conseqüentemente, tendo um volume de produção maior, seu valor varia de acordo com o mesmo”.

De acordo com Crepaldi (2006 p.102),

Os custos variáveis aumentam à medida que aumenta a produção agrícola. Outros exemplos: insumos indiretos consumidos, depreciação dos equipamentos agrícolas, quando esta for feita em função das horas - máquinas trabalhada, gastos com horas-extras na produção agrícola. (CREPALDI, 2006, p. 102).

Para Bertó e Beulke (2006, p. 23), “[...] a principal característica do custo variável,

É que seu foco está totalmente relacionado com o volume vendido. Seus valores modificam em relação direta com o volume de vendas. Cita como principais exemplos à variação no custo total da mercadoria em razão das oscilações da quantidade vendida, ICMS de venda, PIS/COFINS” [...], entre outros. (BERTÓ E BEULKE, 2006, p. 23),

Conforme Bornia (2002, p. 42-43), “[...] os custos variáveis estão intimamente relacionados com a produção, isto é, crescem com o aumento do nível de atividades da empresa, como os custos de matéria-prima”.

Perez Jr., Oliveira e Costa (2003, p. 90), relatam que os custos variáveis são, “aqueles que têm ligação direta ao volume de produção ou serviço, ou seja, conforme o volume da produção vai aumentando os custos variáveis aumentam também, pois este crescimento no total evolui na mesma medida do volume produzido geralmente”. Os autores acrescentam que o valor total varia conforme o volume de produção. O valor por unidade é constante, independentemente do volume produzido; a alocação aos produtos ou centros de custos é feito de forma direta, neste caso não será necessário a utilização de critérios de rateios.

2.5.3 CUSTOS DIRETOS

É o custo que é considerado como “direto” pela sua inserção no produto, ou seja, é inserido no custo do produto de forma direta, sem necessidade de utilizar cálculos matemáticos para encontrar os custos diretos de cada produto.

Segundo Crepaldi (2006, p. 101),

Custos diretos são aqueles que podem ser diretamente (sem rateio) apropriados aos produtos agrícolas, bastando existir uma medida de consumo (quilos, horas de mão-de-obra ou de máquina, quantidade de força consumida etc.). De modo geral, identificam-se aos produtos agrícolas e variam proporcionalmente à quantidade produzida. Podem ser apropriados diretamente aos produtos agrícolas porque há uma medida objetiva do seu consumo nesta produção. (CREPALDI, 2006, p. 101):

E ainda de acordo com Silva (2008, p. 61), custo direto, “é aquele diretamente identificado e associado ao produto, e não necessita de nenhum critério de rateio para essa associação. Exemplo: matéria-prima, embalagem, mão-de-obra direta”.

Bertó e Beulke (2005, p. 96) relatam que os custos diretos,

Devem ser identificados diretamente em cada unidade vendida. Exemplo: nos custos relativos à aquisição da mercadoria ou relativos ao emprego de

material direto no processamento industrial de bens, nas despesas relativas às vendas, como ICMS (Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços), PIS, COFINS, etc., e nas despesas financeiras do giro. Esse último refere-se às despesas financeiras decorrentes do financiamento do período de estocagem interna da mercadoria na empresa, mais eventuais prazos concedidos para o recebimento dos valores vendidos. (BERTÓ E BEULKE 2005, p. 96).

Já Leone (1981, p. 75) diz que custos diretos, “são todos os custos que se conseguem identificar com as obras, do modo econômico e lógico, ou seja, é o custo que é identificado naturalmente ao objeto do custeio. ”

2.5.4 CUSTOS INDIRETOS

Custos Indiretos para ser implantado junto com o produto agrícola, precisa passar por algum tipo de rateio, exemplo de custos indiretos: aluguel, energia, depreciação, salário de administradores entre outros, ou seja, precisa ser feito cálculos matemáticos.

De acordo com Crepaldi (2006, p.101 - 102),

Os Custos Indiretos dependem de cálculos, rateios ou estimativas para serem apropriados em diferentes produtos agrícolas; portanto, são os custos que só são apropriados em diferentes produtos agrícolas. O parâmetro utilizado para as estimativas é chamado de base ou critério de rateio. São exemplos de custos indiretos: depreciação de equipamentos agrícolas, salário dos chefes de supervisão, aluguel de pastos, impostos e taxas da propriedade rural entre outros. (CREPALDI, 2006, p. 101 - 102),

Bertó e Beulke (2005, p. 97), dizem que, “custos indiretos dão sustentação ao funcionamento das atividades”. Em geral os custos indiretos para os autores apresentam como característica “a impossibilidade de ser medidos, identificados, quantificados diretamente em cada unidade”.

Para Leone (1981, p. 75), custos indiretos são todos os outros custos que dependem do emprego de recursos, de taxas de rateio, de parâmetros para o débito às obras.

Conforme, Silva (2008, p. 61) reafirma o que os dois autores relataram, pois segundo ele “custo indireto é aquele cuja associação direta ao produto não é

possível. Necessita de critério de rateio para sua alocação. Exemplos: depreciação, mão-de-obra indireta, seguros, aluguel”.

2.5.5 SEPARAÇÃO ENTRE CUSTOS E DESPESAS

Segundo Kotler (2003, p. 32), “os custos são os desembolso que podem ser atribuídos ao produto final, já as despesas são de caráter geral, de difícil vinculação aos produtos obtidos.”

O autor afirma ainda que,

Entre os principais benefícios de uma apuração correta de custos e despesas, podemos destacar a análise de Margem de Contribuição por produto, que é o valor que sobra da venda de um produto ao retirarmos de seu faturamento bruto os gastos com deduções de vendas e com o custo de sua produção ou compra. (KOTLER, 2003, p. 32),

Enfim, a margem de contribuição diz que se um produto vale a pena ou não ser produzido, e não há maneiras de como realizar esta análise caso não tenha sido identificado às despesas administrativas separadas do custo de produção.

2.5.6 CONCEITO CUSTO

Para Zanluca (2009), “é todo o investimento que uma empresa precisa fazer segundo para produzir um produto ou oferecer determinados serviços, uma vez que sem esse valor, não há possibilidade em dar início ou até mesmo a continuidade a qualquer venda proposta. ”

De acordo com Crepaldi (2006, p. 99-100),

Custo. Gasto relativo à bem ou serviço utilizado na produção rural; são todos os gastos relativos à atividade de produção. Exemplos, salários de pessoal da propriedade rural; insumos utilizados no processo produtivo; combustíveis e lubrificantes usados nas máquinas agrícolas; depreciação dos equipamentos agrícolas; gastos com manutenção das máquinas agrícolas. (CREPALDI 2006, p. 99-100).

Para Passarelli e Bomfim (2004, p. 15),

“[...] a Contabilidade de custos, continuará a acompanhar a evolução dos processos de produção e venda, de forma a manter, no futuro, a sua capacidade de gerar relatórios que permitam à gerência uma melhor visão do desempenho passado da empresa, para assegurar o melhor planejamento das suas atividades futuras”. (PASSARELLI e BOMFIM, 2004, p. 15).

Enfim enquanto os custos são diretos ou indiretamente ligados à produção de um bem ou de um serviço, as despesas na verdade são os gastos ocorridos depois ou fora de uma produção, na verdade as despesas são aqueles desembolsos com vendas, com a administração, com transportes, enfim são gastos indiretos que não influenciam em uma produção de uma empresa.

2.5.7 CONCEITO DESPESAS

As despesas envolvem tudo o que uma empresa precisa ter para manter o seu funcionamento e a sua estrutura mínima, que segundo Zanluca (2011),

São considerados valores investidos na área comercial, administrativo, marketing e de recursos humanos. Ela não tem ligação direta com a produção dos novos itens que serem vendidos por uma empresa, mas não deixam de influenciar no aumento da receita. (ZANLUCA, 2011).

A maneira principal para mapear e descobrir para que sejam destinadas as despesas de uma empresa é definir a diferença entre as despesas fixas e variáveis, pois ambas apontam para diferentes origens, que servirão como base para o planejamento financeiro. Frente a estas informações fica fácil verificar quais são os resultados e retornos gerados. Elas podem ser divididas em duas categorias:

Fixas – que não variam com a quantidade de bens ou produtos vendidos pela empresa, como material de escritório.

As despesas fixas são mais estáveis e segundo Berti (2006, p. 21), “seus valores independem do que for produzido ou vendido.” São as contas mensais que o empresário tem que pagar, como aluguel, luz, contador, funcionários, água, gás, telefone, etc. Perceba que, apesar do salário de seus colaboradores serem uma despesa fixa - já que é uma constante todo mês.

Variáveis – varia com a quantidade de produtos produzidos pela empresa, como comissão de vendedores. São aqueles gastos que têm relação direta com o

negócio da empresa. Se a sua empresa trabalha com a política de comissão, estas devem ser catalogadas como despesas variáveis.

Há uma grande problemática que separam as despesas dos custos principalmente quando se fala do início ao fim de uma produção, pois existem despesas (embutidas) que se não forem bem definidas podem ser consideradas como custos ou vice e versa.

Conforme Martins (2006, p. 41) afirma que, “a regra é simples, basta definir o momento em que o produto está pronto para a venda”. Até aí todos os gastos são custos. A partir desse momento, é despesas. Assim fica explicado que a despesa nada mais é do que a continuação dos custos que só ocorrem fora de uma produção.

2.6 CONCEITUAÇÕES DE RECEITAS

A Apresentação das Demonstrações Contábeis como aumento dos benefícios econômicos durante o período contábil sob a forma de entrada de recursos ou aumento de ativos ou diminuição de passivos que resulta em aumentos do patrimônio líquido da entidade e que não sejam provenientes de recursos dos proprietários da entidade.

Receitas segundo Iudícibus, Marion & Faria, (2009, p. 185)

[...] são aumentos nos benefícios econômicos durante o período contábil sob a forma de entrada de recursos ou aumento de ativos ou diminuição de passivos, que resultem em aumento do patrimônio líquido e que não sejam provenientes de aporte dos proprietários da entidade. (IUDÍCIBUS, MARION & FARIA, 2009, p. 185)

Ao se conceituar receitas não se pode deixar de incluir os ganhos não realizados e expõem-se como exemplo, os títulos negociáveis e os que resultam de aumentos no valor de ativos em longo prazo, as vendas de mercadoria que vendemos que nos gerou lucro, e também a prestação de serviço, como exemplos podem citar o aluguel de pastos, ou até mesmo um juro que temos no banco.

Segundo Ribeiro (2010, p. 25),

A divulgação da receita é efetuada de forma que sejam identificados os métodos utilizados para determinar o período das transações nos quais os serviços foram prestados, quais categorias foram reconhecidas as receitas, e também o que foi proveniente de troca de bens e ou serviços, e a conciliação entre a receita e a demonstração de resultado para fins tributários. (RIBEIRO, 2010, p. 25).

Deve-se ter domínio exato da definição de receitas, reconhecê-las e mensurá-las uma vez que os ganhos é o ponto crucial para uma empresa, pois são estes pontos que fazem a apuração dos lucros (ou prejuízos) de uma organização e define, portanto, o patrimônio líquido da mesma, no entanto não é apenas os resultados das receitas ou dos ganhos que podem influenciar nos resultados, pois dependendo do que for adotado para mensurar estes pontos, o resultado líquido final de uma empresa poderá apresenta-se diferente o que afetará tanto os acionistas quanto a sociedade em geral.

2.6.1 LUCROS

Sendo os lucros o resultado positivo das vendas, dos custos e das despesas de determinados produtos. Segundo Matarazzo (1997) “é a base para a análise das decisões de investimentos, ” fato que se considera que o retorno de um investimento é uma recompensa equivalente a todo o investimento e não apenas aos lucros gerados. Certos investimentos podem proporcionar altas taxas de lucros em determinados períodos, no entanto podem gerar certos prejuízos em que em um caso equivalente a este se deve prevalecer o retorno médio obtido no período considerado.

Segundo Matarazzo (1997), para os pequenos negócios “é importante que os lucros gerados sejam equivalentes a 3% ao mês em média do valor dos investimentos próprios”. Todavia ele explica que normalmente os lucros gerados por uma empresa revelam três situações distintas,

- Podem estar gerando recursos insuficientes para manter a empresa
- Pode estar gerando recursos mínimos para manter a sua sobrevivência;
- Podem estar gerando recursos para empresa sobreviver e crescer.

Kothari (2001, p. 41) explica que frente a inúmeras pesquisas baseada no poder informal dos lucros: “como sendo o fato dos lucros estimados serem utilizados por vários modelos de avaliação”. Ele completa citando como exemplo “o modelo de desconto do fluxo de caixa que normalmente utiliza lucros estimados, com alguns ajustes, como repassar dados para fluxo de caixa futuro. ”

Segundo Hendriksen e Breda (1999, p. 217) uma das características do lucro é “a sua provável capacidade de predição. Os investidores podem estar interessados no lucro de hoje para predição de lucros e dividendos futuros, assim como para predição do preço das ações”.

Sendo assim, para os autores “um dos aspectos cruciais da pesquisa sobre o impacto de lucros contábeis no mercado de capitais é a determinação do conteúdo informacional dos dados de lucros”, fato que estes autores identificam como sendo “a diferença entre o número que era esperado e o número real”. (HENDRIKSEN & BREDA, 1999, p. 206),

2.6.2 LUCRATIVIDADE

Para Silva (1995), “o cálculo da lucratividade é obtido através da fórmula resultado líquido dividido pelas vendas. ” Não existe um padrão ideal para a lucratividade deve-se comparar o lucro líquido obtido na sua empresa com a média do setor em que atua.

Existe, ainda, outra forma de apurar a lucratividade de uma empresa segundo Silva (1995), porém “é necessário ter um controle permanente dos estoques, sendo que, a cada venda realizada, torna-se necessário conhecer também os custos correspondentes a esta venda”.

Dessa forma e segundo Marion (2002, p. 78),

“A lucratividade seria calculada da seguinte forma, $Vendas - (-) \text{Custo das Mercadorias Vendidas, Despesas Variáveis, Despesas Fixas e Financeiras}$ $(=) \text{Resultado Líquido}$, que dividido pelas Vendas, resulta no índice de Lucratividade. ” (MARION, 2002, p. 78),

Para Ribeiro (1999, p. 12),

“Toda empresa necessita gerar lucros para sobreviver e crescer. Todo empreendedor, quando aplica os seus recursos financeiros em qualquer negócio, tem expectativa de obter retorno o mais rapidamente possível e com segurança”. (RIBEIRO, 1999, p. 12).

Para Barata (2003, p. 114),

(...) os lucros gerados por uma empresa podem apresentar três situações distintas e que será um fator importante para suas decisões futuras: A primeira situação revela que seu negócio não está gerando lucro suficiente para a sua sobrevivência; A segunda situação demonstra que os lucros obtidos pela empresa estão gerando caixa apenas o suficiente para mantê-la no mercado; A terceira e última situação revela que a empresa gera lucros suficientes para a sua sobrevivência e também para o seu crescimento. (BARATA, 2003, p. 114)

Para o autor não existe um padrão ideal para a lucratividade, uma vez que o empresário ou o gestor financeiro de pequenos negócios deverão comparar os lucros líquidos obtidos em suas empresas com a média dos setores em que atuam.

Para Marion (2002, p. 05) “se o fluxo de caixa for constantemente negativo, se as despesas financeiras forem crescentes com relação ao faturamento e a rentabilidade estiver abaixo do custo de oportunidade, sua empresa certamente está perdendo participação de mercado e seus prejuízos são constantes. ”

E, para se obter resultados positivos em uma empresa é necessário que esta empresa apresente, não somente resultados quantitativos como também resultados qualitativos.

3 METODOLOGIA

3.1 QUANTOS AOS FINS

Este trabalho de conclusão de curso é feito por Métodos descritivos e metodológicos.

Como base para quantificar as informações utilizou-se métodos e classificações dos custos, a análise do custo, o volume e os resultados foram abordadas pelos autores como HANSEN (2001), LEONE (2008) e MARTINS (2006) que tratam da Gestão de Custos: Contabilidade e Controle, Custos, Planejamento, Implantação e Controle e da Contabilidade de Custos sucessivamente além de e muitas outras literaturas específicas da cadeia produtiva do leite.

3.1.1 DESCRITIVA

Conforme Gonsalves (2007) a pesquisa descritiva tem como propósito “escrever as características de um objeto de estudo, sendo que nesse caso a pesquisa não está interessada no porque, nas fontes do fenômeno e sim em apresentar as suas características”.

De acordo com Gil (2008), as pesquisas descritivas possuem como objetivo “a descrição das características de uma população, fenômeno ou de alguma experiência.”

3.1.2 METODOLÓGICA

A metodologia deste trabalho está classificada como qualitativa. Para Neves (1996) na pesquisa qualitativa a obtenção de dados é feita através de contato direto com pessoas que possam dar informações úteis; após o pesquisador deve entender os fenômenos e fazer a interpretação acerca do estudo realizado.

Para Gomes e Araujo (2004) na pesquisa quantitativa a realidade temporal é observada em números. Já Appolinário (2004, p. 155) complementa que essa é uma

“modalidade de pesquisa nas quais variáveis predeterminadas são mensuradas e expressas numericamente”.

3.2 QUANTO AOS MEIOS

Trata-se de uma pesquisa bibliográfica no qual foi utilizado para pesquisas livros, revistas, artigos, onde foi realizado estudo de caso.

3.2.1 BIBLIOGRÁFICA

A pesquisa bibliográfica faz parte do começo da pesquisa, na qual ela é construída após a escolha do tema, através de documentos, livros, artigos, revistas e etc. Conforme Vergara (2004, p. 48) “(...) é o estudo sistematizado desenvolvido com base em material publicado em livros, revistas, jornais, redes eletrônicas, isto é, material acessível ao público em geral”.

Para Gil (2010, p. 30),

A principal vantagem da pesquisa bibliográfica reside no fato de permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente. Essa vantagem torna-se particularmente importante quando o problema de pesquisa requer dados muito dispersos pelo espaço. (GIL, 2010, p. 30)

A principal diferença entre a pesquisa bibliográfica e a documental está na natureza das fontes, que segundo Gil (2010, p. 30) “A pesquisa documental é utilizada em praticamente todas as ciências sociais e constitui um dos delineamentos mais importantes no campo da História e da Economia”.

Já para a autora Vergara (2004, p. 50) “A pesquisa é também documental, porque será feito uso de documentos de trabalho e relatórios de consultorias privadas, não disponíveis para consultas públicas”.

4 ESTUDO DE CASO

O estudo de caso que conforme Gil (2010, p. 37) “Consiste no estudo profundo, e exaustivo de um ou poucos objetos, de maneira que permitam seu amplo e detalhado conhecimento, tarefa praticamente impossível mediante outros delineamentos já considerados”.

Já o estudo de caso segundo Vergara (2004, p. 49) “É o circunscrito a uma ou poucas unidades, entendidas essas como pessoa, família, produto, empresa, órgão público, comunidade ou mesmo país. Tem caráter de profundidade e detalhamento”.

Quanto aos procedimentos técnicos foi realizado um estudo de caso na fase da pesquisa de campo no Sítio Nossa Senhora Aparecida, Lote 013, situado na Gleba Iracema I neste Município.

Para Lima (2008) o método de estudo de caso é uma das alternativas de realizar uma pesquisa empírica e qualitativa sobre o tema escolhido e em tempo real, pois é através disso que se realizarão interpretações e investigações acerca do estudo.

4.1 COLETA DOS DADOS

As informações referentes à propriedade rural pesquisada foram obtidas por meio de observação *in loco*, bem como entrevistas estruturadas com o proprietário que algumas informações marcadas em uma caderneta.

4.2 TRATAMENTO DOS DADOS

Os dados coletados serão analisados no Sítio Nossa Senhora Aparecida, na Gleba Iracema I, no Município de Juína – MT no período de 2015, utilizando formulas e tabela, buscando obter subsídios para a resposta do problema de pesquisa que é: Qual o custo da produção de leite da propriedade?

Para Aaker; Kumar e Day (2007, p. 442),

A qualidade dos resultados obtidos com o uso das técnicas estatísticas e sua imediata representação derivam em grande parte de como os dados foram dispostos e convertidos para a análise. As principais técnicas de preparação de dados incluem: (1) 13 edições, (2) codificação e (3) ajuste estatístico dos dados (quando necessário). (AAKER; KUMAR e DAY, 2007, p. 442).

Observa-se que é necessário organizar os dados da pesquisa para obter parâmetros para análise e identificação de algum resultado esperado. Com base na análise e interpretação dos dados passa a ser feita a discussão dos resultados da pesquisa.

4.3 HISTÓRICO DO SITIO

O Sítio Nossa Senhora Aparecida está localizado na Gleba Iracema I, próximo ao Distrito de Filadélfia aproximadamente vinte quilômetros e oitenta quilômetros da sede do município de Juína.

Esta propriedade foi adquirida gratuitamente pelo Instituto Nacional de Cadastro da Reforma Agrária – INCRA em meados da década de 1990. Possuíam na época da doação aproximadamente vinte e um alqueires ou aproximadamente cinquenta e uma hectares de mata nativa já bem sucateada em nível de madeiras de lei por parte de madeireiras clandestinas.

Nos primeiros anos o proprietário do Sítio Nossa Senhora Aparecida veio sozinho para a propriedade, deixando a família em uma fazenda onde o mesmo trabalhava, gerando com isto rendas para mantê-lo abrindo o lote.

Com o tempo a família pode se mudar para o sítio - meados da década de noventa - e então com a terra já plantada o capim e cercada já pode receber as primeiras cabeças do rebanho bovino da família. (Na época aproximadamente quinze cabeças de vacas leiteiras).

Com a luta dos anos a propriedade se modernizou e, atualmente já conta com a energia elétrica, os eletros eletrônicos domésticos necessários para o conforto de todos e gradativamente o rebanho cresceu.

Conta atualmente com cento e dez cabeças de gado sendo setenta vacas e touros da raça Nelore e quarenta vacas leiteiras da raça Holandesa mestiça.

Esta propriedade possui cinco pastos divididos tendo quatro alqueires cada ou uns aproximadamente treze hectares, devidamente cuidadas e cercadas com água abundante. Todas elas possuem cochos descobertos onde é oferecido o sal mineral semanalmente.

A rotina diária do Sítio Nossa Senhora Aparecida na produção do leite se inicia em torno das cinco horas e trinta minutos da manhã, sendo que o manejo é efetuado por duas pessoas, pai e filho. Após as vacas serem deslocadas da pastagem, as mesmas são transferidas para o curral aguardando o momento da ordenha. Após o processo de ordenha, as vacas são transferidas para os pastos onde recebem o sal.

As vacas que estão no período de secagem ficam dois meses em piquetes separadas das demais, até o momento de parir.

A propriedade não possui uma boa estrutura, pois o curral só conta com a cobertura no local da ordenha, o resto do espaço físico é a céu aberto e todo o leite é canalizado até o resfriador, sendo que a temperatura do leite fica em torno aproximadamente de 1.7° C a 3° C. A ordenha do rebanho leiteiro leva em média até duas horas, pois se trata do processo manual.

No QUADRO 1 a seguir está representada a receita anual da propriedade em litros de leite/dia.

Quadro 1 - Demonstrativo de Receitas

Meses	Quantidade Vaca	Litros	Total	P.V	Receita Dia	Receita Mês
1/ 2015	18	5	90	1,20	108,00	3.240,00
2 /2015	20	5	100	1,20	120,00	3.600,00
3 /2015	25	5	125	1,20	150,00	4.500,00
4 /2015	25	5	125	1,20	150,00	4.500,00
5 /2015	27	5	135	1,20	162,00	4.860,00
6 /2015	30	5	150	1,20	180,00	5.400,00
7 /2015	30	5	150	1,20	180,00	5.400,00
8 /2015	32	5	160	1,20	192,00	5.760,00
9 /2015	32	5	160	1,20	192,00	5.760,00
0 /2015	35	5	175	1,20	210,00	6.300,00
1 /2015	35	5	175	1,20	210,00	6.300,00
2 /2015	20	5	100	1,20	120,00	3.600,00
TOTAL			1645,00			59.220,00

Fonte: Dados da Pesquisa.

As demonstrações financeiras da receita preparadas na TAB.1 informam o lucro anual da coleta da produção leiteira do Sítio Nossa Senhora Aparecida em estudo. Os meses de outubro e novembro se destacaram com um montante de 210 litros por dia que ao final de um mês a receita é de R\$ 6.300,00 (seis mil e trezentos reais), fato que atribuímos ao meado da estação chuvosa na região e, gradativamente a melhoria das pastagens.

Os meses de dezembro, janeiro e fevereiro apresentaram uma receita com apenas 90 litros e 120 litros dia, sendo um valor que oscilou entre R\$ 3.240,00 (três mil duzentos e quarenta reais) e R\$ 3.600,00 (três mil e seiscentos reais). Esta queda na produção leiteira entendeu-se que já seja o termino da estação chuvosa e início das estiagens, totalizando, portanto 87,2% aproximadamente de toda a receita arrecadada.

A seguir no QUADRO 2 todos os custos e despesas da propriedade em estudo.

Quadro 2 - Demonstrativo de Custos e Despesas.

Meses	Despesas/Custos	Quantidade	Preço Unitário	Preço total
1 /2015	Medicamentos	02	41,66	83,32
1 /2015	Sal	05	68,00	340,00
1 /2015	Gasolina	15 litros	4,20	63,00
1 /2015	Manutenção do resfriador	90 litros	0,05	45,00
2/2015	Medicamentos	02	115,31	230,62
	Sal	05	68,00	340,00
2 /2015	Gasolina	15	4,20	63,00
2 /2015	Manutenção do resfriador	100	0,05	50,00
3 /2015	Medicamentos	01	56,00	56,00
3 /2015	Gasolina	15	4,20	63,00
3 /2015	Manutenção do resfriador	125	0,05	62,50
3 /2015	Sal	05	68,00	340,00
4 /2015	Gasolina	15	4,20	63,00
4 /2015	Manutenção do resfriador	125	0,50	62,50
4/2015	Medicamentos	06	18,40	112,24
4 /2015	Sal	05	68,00	340,00
5 /2015	Vacina	02 cx	250,00	500,00
5 /2015	Sal	05	68,00	340,00
5/2015	Medicamentos	03	78,62	235,86
5 /2015	Gasolina	15	4,20	63,00
5 /2015	Manutenção do resfriador	135	0,05	67,50

6 /2015	Sal	05	68,00	340,00
6 /2015	Gasolina	15	4,20	63,00
6 /2015	Manutenção do resfriador	150	0,05	75,00
6 /2015	Medicamentos	02	20,00	40,00
7 /2015	Sal	05	68,00	340,00
7/2015	Medicamentos	05	20,00	100,00
7/2015	Gasolina	15	4,20	63,00
7/2015	Manutenção do resfriador	150	0,05	75,00
08/2015	Sal			340,00
8/2015	Gasolina	15	4,20	63,00
8/2015	Manutenção do resfriador	160	0,05	80,00
8/2015	Medicamentos	08	34,00	272,00
9/2015	Sal	05	68,00	340,00
9/2015	Gasolina	15	4,20	63,00
9/2015	Manutenção do resfriador	160	0,05	80,00
10/2015	Gasolina	15	4,20	63,00
10/2015	Manutenção do resfriador	175	0,05	87,50
10/2015	Medicamentos	04	90,31	361,24
11/2015	Sal	05	68,00	340,00
11/2015	Vacina	02cx	250,00	500,00
1 /2015	Gasolina	15	4,20	63,00
11/2015	Sal	05	68,00	340,00
11/2015	Manutenção do resfriador	175	0,05	87,50
	Gasolina			

12/2015		15	4,20	63,00
12/2015	Revisão da Moto	01	700,00	700,00
12/2015	Sal	05	68,00	340,00
2 /2015	Manutenção do resfriador	100	0,05	50,00
TOTAL				8.848,92

Fonte: Dados da pesquisa.

Os totais das despesas e custos se apresentaram menores nos meses de março, junho e julho que envolve a manutenção do resfriador do leite armazenado, a gasolina, o sal e medicamentos seguidos pelos meses de janeiro, fevereiro, abril, maio, agosto, setembro, outubro, novembro e dezembro com uma despesa maior totalizando, portanto 12,8% aproximadamente de todos os gastos.

Esse elevado custo ocorreu devido aos gastos em alguns meses já expostos, deu-se pela aquisição de vacinas que aumentaram mais as despesas da propriedade, principalmente nas campanhas estaduais de Carbúnculo, Aftosa e Brucelose.

Quadro 3 - Demonstrativo de Apuração de Resultado.

MESES	RECEITAS	CUSTOS	LUCROS
Janeiro	3.240,00	531,32	2.708,68
Fevereiro	3.600,00	683,62	2.916,38
Março	4.500,00	521,50	3.978,50
Abril	4.500,00	577,74	3.922,26
Maio	4.860,00	1.205,50	3.654,50
Junho	5.400,00	518,00	4.882,00
Julho	5.400,00	578,00	4.822,00
Agosto	5.760,00	750,00	5.010,00
Setembro	5.760,00	478,00	5.282,00
Outubro	6.300,00	826,74	5.473,26
Novembro	6.300,00	990,50	5.309,50
Dezembro	3.600,00	1.153,00	2.447,00
TOTAL	59.220,00	8.848,92	50.406,08

Fonte: Dados da pesquisa.

De acordo com as informações relacionadas na Tabela 3, percebe-se que a receita é bem maior do que os custos/despesas sendo 85,1% e 14,9% aproximadamente de custos e despesas. Mesmo sendo uma propriedade de pequeno porte e os seus proprietários nunca terem feito um acompanhamento contábil, percebe-se que a receita gerada mantém a propriedade com benfeitorias e outras necessidades pessoais.

5 CONCLUSÃO

A contabilidade de custos além de realizar coletas e classificações realiza também o registro dos dados das diversas atividades que são realizadas por uma entidade ou empresa seja ela urbana ou rural. Além de produzir informações para auxiliar as funções de desempenho, atua também como uma ferramenta de planejamento e controle das operações na tomada de decisão.

O estudo apresenta inicialmente uma revisão bibliográfica que abordou os sistemas e métodos de custeio, a análise do custo, além da contabilidade e da gestão de custos, que foi a base conceitual utilizada para a realização do estudo aplicado no Sítio Nossa Senhora Aparecida – Lote 13 localizado na Gleba Iracema I, Município de Juína/MT.

Por doze meses fez-se um levantamento mensal dos dados da propriedade, disponibilizado pelo produtor, identificando os custos de produção, as despesas, os lucros do sítio. Em posse destes dados calculou-se as despesas e os custos da produção de leite que após a dedução da receita de produção se obteve o custo e lucro total.

Por meio dos resultados obtidos com o estudo, pode-se verificar que na maioria dos meses analisados se mostrou positiva e que a receita recebida mensalmente é suficiente para cobrir os custos variáveis da mesma.

Com a realização deste trabalho de pesquisa, concluiu-se que em qualquer propriedade rural de produção leiteira, é extremamente importante se ter um sistema de custos para auxiliar o produtor no momento de tomar qualquer decisão. Com a análise dos custos o proprietário pode observar e avaliar se realmente a atividade leiteira está gerando resultados positivos ou negativos, e, através disto viabilizar maneiras de obter melhores resultados.

O problema da pesquisa foi qual o custo da produção de leite no sítio Nossa Senhora Aparecida no período de 2015? Foi feita toda uma pesquisa para chegar nessa conclusão que obteve um custo de 8.813,92 em 2015, sendo respondido a pergunta feita no problema.

Para concluir esse trabalho, nota-se que o produtor rural não tem um controle contábil, o mesmo informou que anota todos os gastos em uma caderneta,

que são os mesmos que ele passou para fazer o estudo de caso, com poucas informações para ser trabalhada, não tendo como desenvolver um método de custeio e lançamentos contábeis como DRE. De forma que ficou muito clara para quem ler essa pesquisa que o sítio não possuía nenhuma metodologia de controle de gastos, despesas ou receitas. Assim, diante da impossibilidade de criar um método de custeio que permite o proprietário controlar seus custos, por falta de tempo, pois eu teria que deslocar daqui de Juína até propriedade para fazer um estudo relevante e levantar dados completo, mas isso teria que ter tempo, não me é suficiente realizar esse sistema de métodos de custeio, abre-se oportunidade de uma pesquisa futura, que poderá ser desenvolvido por outro pesquisador ou eu mesma em um curso de pós-graduação, ou por outros acadêmicos que deseja pesquisar sobre esse assunto.

Por fim, enquanto concluinte do curso de Ciências Contábeis, esse estudo me proporcionou conhecer a rotina e a receita da produção leiteira em uma propriedade rural, assim como os custos que compreendem a mesma.

REFERENCIAS

ALEIXO, S. S. **Técnicas de análise multivariada na determinação de grupos homogêneos de produtores de leite**. Disponível em: <www.scielo.br>. Acesso em: 02 abr. 2016.

ALOE, A.; VALLE, F. **Contabilidade agrícola**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1972.

APPOLINÁRIO, F. **Dicionário de metodologia científica**: um guia para a produção do conhecimento científico. São Paulo: Atlas, 2004.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DOS PRODUTORES DE LEITE – ABPL. **Leite Brasil**, 2015. Disponível em: <<http://www.leitebrasil.org.br/estatisticas.htm>>. Acesso em: 28 mar. 2016.

BARATA, P. V. A. **Rentabilidade**. 2003. Disponível em: <http://www.peritocontador.com.br/artigos/colaboradores/Artigo_-_Rentabilidade.pdf>. Acesso em: 16 out. 2016.

BEULKE, R.; BERTÓ, D. J. – **Gestão de Custos** – São Paulo: Saraiva 2005.

BERTI, A. **Contabilidade e análise de custos**. Curitiba: Juruá, 2006.

BERTÓ, D. J; BEULKE, R. **Gestão de custos**. São Paulo: Saraiva, 2006.

BORNIA, A. C. **Análise gerencial de custos em empresas modernas**. Porto Alegre: Bookman, 2002.

BRASIL, J. G. Q. **Tipos de leite. Qualidade do leite**, 2009. Disponível em: <<http://www.qualidadedoleite.com.br/textos/15/tiposdeleite.html>>. Acesso em: 26 mar. 2016.

BRUNI, A. L.; FAMÁ, R. **Gestão de custos e formação de preços**: com aplicação na calculadora HP. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2004.

CARVALHO, G. R. **A indústria de laticínios no Brasil**: passado, presente e futuro. *Circular Técnica 102*. Juiz de Fora: Embrapa Leite, 2010. Disponível em: <http://www.cnpqgl.embrapa.br/nova/livraria/abrir_pdf.php?id=26>. Acesso em: 26 mar. 2016.

CERVO, A. L.; BERVIAN, P. A. **Metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Prentice Hall, 2002.

CPC 30 – Comitê de Pronunciamentos Contábeis – **Pronunciamento Técnico CPC 30** – Ano 2009. Disponível em: <http://www.cpc.org.br/pdf/CPC_30.pdf>. Acesso em: 17 out. 2016.

CREPALDI, S. A. **Contabilidade Gerencial, Teoria e Prática**. São Paulo: Atlas, 2004.

_____, **Contabilidade Rural: Uma abordagem decisorial**. 3 ed. São Paulo: Atlas, 2005.

EMBRAPA – Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária. **Gado de Leite – Sistema de Produção**, Vol. 2, Cuiabá- MT, 2002. Disponível em: <www.cnp.gl.embrapa.br>. Acesso em: 30 mar. 2016.

_____. Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária. **Gado de Leite – Sistema de Produção**, Vol. 2, Cuiabá- MT, 2016. Disponível em: <www.cnp.gl.embrapa.br>. Acesso em: 30 mar. 2016.

FARINA, E.M.M.Q. **Indústria de Laticínios e o Desenvolvimento da Pecuária Leiteira**. Revista Balde Branco, Janeiro de 1996.

_____, **Ações e Tendências do Setor Leiteiro em Tempo de Mudanças**. Revista Balde Branco, março de 1997.

Federação da Indústria do Estado de São Paulo – FIESP, 2013. Disponível em: <<http://www.fiesp.com.br/outlook/>>. Acesso em: 30 mar. 2016.

FRANÇA, S. R. A. **Perfil dos produtores, características das propriedades, e qualidade do leite bovino nos municípios de Esmeraldas e Sete Lagoas – MG**. Disponível em: <www.bibliotecadigital.ufmg.br>. Acesso em 31 mar. 2016.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

_____. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5ª ed. São Paulo: Atlas, 2010.

GOMES, A. R. **Contabilidade rural & agricultura familiar**. Rondonópolis: A. R. Gomes, 2002.

GOMES, F. P.; ARAUJO, R. M. **Pesquisa Quanti-Qualitativa em administração: uma visão holística do objeto em estudo**. In: SEMINÁRIOS EM ADMINISTRAÇÃO FEA-USP, 8., 2004, São Paulo. **Anais...** Semead, São Paulo, 2005. Disponível em: <<http://www.ead.fea.usp.br/Semead/8semead/resultado/trabalhosPDF/152.pdf>>. Acesso em: 14 abr. 2016.

GONSALVES, E. P. **Conversas sobre iniciação à pesquisa científica**. 4. ed. São Paulo: Alínea, 2007.

HANSEN, D. R.; MOWEN, M. M. **Gestão de custos: contabilidade e controle**. Revisão técnica Elias Pereira. 1ª ed. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2001.

HENDRIKSEN, E. S.; BREDAS, M. F. V. **Teoria da contabilidade**. Tradução de Antônio Z. Sanvicente. 5ª. Ed. São Paulo: Atlas, 1999.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. **Censo Agropecuário de 2006**. Disponível em: <www.ibge.gov.br>. Acesso em: 19 abr. 2016.

_____. IBGE, 2010. Disponível em: www.ibge.gov.br. Acesso em 26 mar. 2016.

INSTITUTO MATO-GROSSENSE DE ECONOMIA AGROPECUÁRIA - IMEA , 2011, Nº 40. Disponível em: <www.imea.com.br>. Acesso em: 30 mar. 2016.

_____. IMEA, 2016, Nº 40. Disponível em: <www.imea.com.br>. Acesso em: 30 mar. 2016.

IUDÍCIBUS, S.; MARION, J. C.; FARIA, A. C. **Introdução à Teoria da Contabilidade**. São Paulo: Atlas, 2009.

_____. **Curso de Contabilidade de Custos** – São Paulo: Atlas – 2000.

_____. **Custos, planejamento, implantação e controle**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

_____. **Curso de Contabilidade de Custos**. 3º ed. São Paulo: Atlas, 2009.

KOTLER, P. **Princípios de Marketing**. 9º ed. São Paulo: Prentice Hall, 2003.

KOTHARI, S. P. *Capital Markets Research in Accounting*. Jan.2001. Disponível em: <<http://web.mit.edu/kothari/www/>>. Acesso em: 17 out. 2016.

LEONE, G. S. G. **Custos: Planejamento, Implantação e Controle**. São Paulo: Atlas, 1981.

LIMA, M. C. **Monografia: a engenharia da produção acadêmica**. 2. ed. São Paulo: Saraiva, 2008.

MARCONI, M. A; LAKATOS, E. M. - **Fundamentos de metodologia científica**. 4. ed., São Paulo, Atlas, 2001.

MARION, J. C. **Contabilidade Empresarial**. 2 ed. São Paulo: Atlas, 2002.

MARTINS, E. **Contabilidade de Custos**. 6º ed. São Paulo: Atlas, 1998.

_____. **Contabilidade Empresarial**. 2 ed. São Paulo: Atlas, 2002.

_____. **Contabilidade de Custos** - 9ª ed. – São Paulo: Atlas, 2003.

MARTINS, G. A. **Estudo de caso: uma estratégia de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2006.

MATARAZZO, D. C. **Análise financeira de balanços. Abordagem Básica e Gerencial**. 4ª. ed., São Paulo: Atlas, 1997.

MEGLIORINI, E. **Custos: análise e gestão**. 2. ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007.

MORAES, H. N. **Gestão de Custos nas Pequenas Propriedades Rurais: Estudo Multicasos em Bovinocultura no Sistema de Cria e Produção Leiteira**. Juína: UNEMAT, 2009.

MORENO, G.; HIGA, T. C. S. **Geografia de Mato Grosso: território, sociedade e ambiente**. Cuiabá: Entrelinhas, 2005.

NAKAGAWA, M. **ABC Custeio baseado em atividades**. 2.ed. São Paulo: Atlas, 2001.

NEVES, S.; VICECONTI, P. E. V. **Contabilidade de Custos um enfoque direto e objetivo**. 7 ed. São Paulo: Frase, 2003.

NEVES, J. L. **Pesquisa qualitativa: características, usos e possibilidades**. Caderno de pesquisas em Administração, São Paulo, v. 1, n. 3, 1996. Disponível em: <<http://www.ead.fea.usp.br/Cad-pesq/arquivos/C03-art06.pdf>>. Acesso em: 15 abr. 2016.

NOGUEIRA, F. C. **Finanças dos Trabalhadores**. Campinas, Texto para Discussão do IE-UNICAMP, 182 p, julho 2010. Disponível em: <https://fernandonogueiracosta.files.wordpress.com/2014/11/outlookfiesp2024_apresentac3a7c3a3o.pdf>. Acesso em: 30 mar. 2016.

NUÑEZ, R. **El mercado mundial de lácteos: unescenário futuro**. In: **Leite: uma cadeia produtiva em transformação**. Embrapa Gado de Leite, 2004.

PADOVEZE, C. L. **Contabilidade Gerencial: fundamentos e análise**. São Paulo: Atlas, 1998.

_____. **Curso básico gerencial de custos**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2003.

PEREZ JR. J; OLIVEIRA, L. M.; COSTA, R. G. **Gestão estratégia de custos**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

PASSARELLI, J.; BOMFIM, E. A. **Custos: análise e controle**. São Paulo: Atlas, 2004.

RIBEIRO, O. M. **Estrutura e Análise de Balanço Fácil**. 6 ed. São Paulo: Saraiva, 1999.

SAMMA - Secretária Municipal de Agricultura Mineração e Meio Ambiente de Juína, 2015.

SANTOS, J. J. **Análise de Custos: remodelado com ênfase para sistema de custeio marginal, relatórios e estudos de casos**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2005.

SCHWEITZER, M.; TROSSMANN, E.; LAWSON, G. **Break-even Analysis - Basic Models, Variants, Extensions.** Disponível em: <<http://admlogist.blogspot.com.br/2009/02/50-conceitos-de-administracao.html>>. Acesso em: 15 de Out. 2016.

SILVA, J. P. **Análise Financeira das Empresas.** São Paulo: Atlas, 5ª ed., 1995.

SILVA, B. A. **Custos e Estratégias de Gestão.** Apostilado de pós-graduação, 2008.

SOST, R., C, D. L. **Contabilidade rural: grandes desafios e um vasto campo a explorar.** *Revista Fema*, Santa Rosa, v.6, p.84-96, Jul-Dez.2009. Disponível em: <<http://www.webartigos.com/artigos/contabilidade-rural-uma-necessidade-urgente/114870/#ixzz4NGh3hBg7>>. Acesso em: 15 de Out. 2016.

VERGARA, S. C. **Projetos e relatórios de pesquisa em administração.** São Paulo: 5 ed. Atlas, 2004.

ZANLUCA, J. S. **Custos Fixos e Variáveis**, 2011. Disponível em: <http://www.portaldecontabilidade.com.br/tematicas/custo-fixo-variavel.htm>. Acesso em: 16 Out. 2016.

ZANLUCA, J. C. **Portal de Contabilidade**, 2009. Disponível em <<http://www.portaldecontabilidade.com.br/tematicas/gestaocontabil.htm>>. Acesso em: 15 de Out. 2016.

ZOCCAL, R.; GOMES, A.T.; CARVALHO, L. A. **O agronegócio do leite: análise e perspectivas.** Congresso Brasileiro de Economia e Sociologia Rural, V. Nº 42, Cuiabá, 2004.

WERNKE, R. **Gestão de custos: uma abordagem prática.** São Paulo: Atlas, 2001.